

País será centro financeiro da América Latina

RODRIGO CAPOTE/GAZETA MERCANTIL

Fusão entre a Bovespa e a BM&F contribuirá para o crescimento das atividades financeiras no País com reflexos positivos para o aumento do nível de emprego e para a geração de receitas

LUCIA REBOUÇAS
SÃO PAULO

A fusão entre a Bovespa e a BM&F contribuirá para que o Brasil se torne um centro financeiro da América Latina. É o que acredita o professor Genésio de Carvalho, autor do livro "Introdução às Finanças Internacionais", lançado no ano passado pela Pearson Educação do Brasil. Com uma experiência de 30 anos na área financeira, Carvalho, que atualmente faz parte do quadro de professores da Profins Business School, diz que as finanças internacionais são o grande tema da atualidade, mas a maioria das universidades no Brasil ainda refletem o caldo cultural de temas da luta contra a inflação e administração de capital de giro. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista:

Gazeta Mercantil — A insolvência anunciada na última semana pelo Carlyle, um dos maiores fundos de investimentos do mundo, foi uma surpresa ou podia ser esperada, diante da crise do subprime?

Foi um grande susto, mas a alavancagem do fundo do Carlyle de 33 vezes o valor dos recursos próprios superou todas as estatísticas financeiras, nem as trading companies operam com este nível de alavancagem (relação entre recursos próprios e recursos de terceiros representados por empréstimos). Quando o fundo foi lançado em 2006, seu patrimônio era de US\$ 670 milhões. Em 2007, sua carteira era de US\$ 22,7 bilhões de ativos, na sua maioria ativos atrelados a financiamentos das operações estruturadas. Com a deterioração da crise do subprime, os preços dos ativos das carteiras despencou, os bancos realizaram as garantias, e a insolvência chegou ao fundo.

GZM — Na sua opinião, a crise do subprime está no começo, no meio ou no fim?

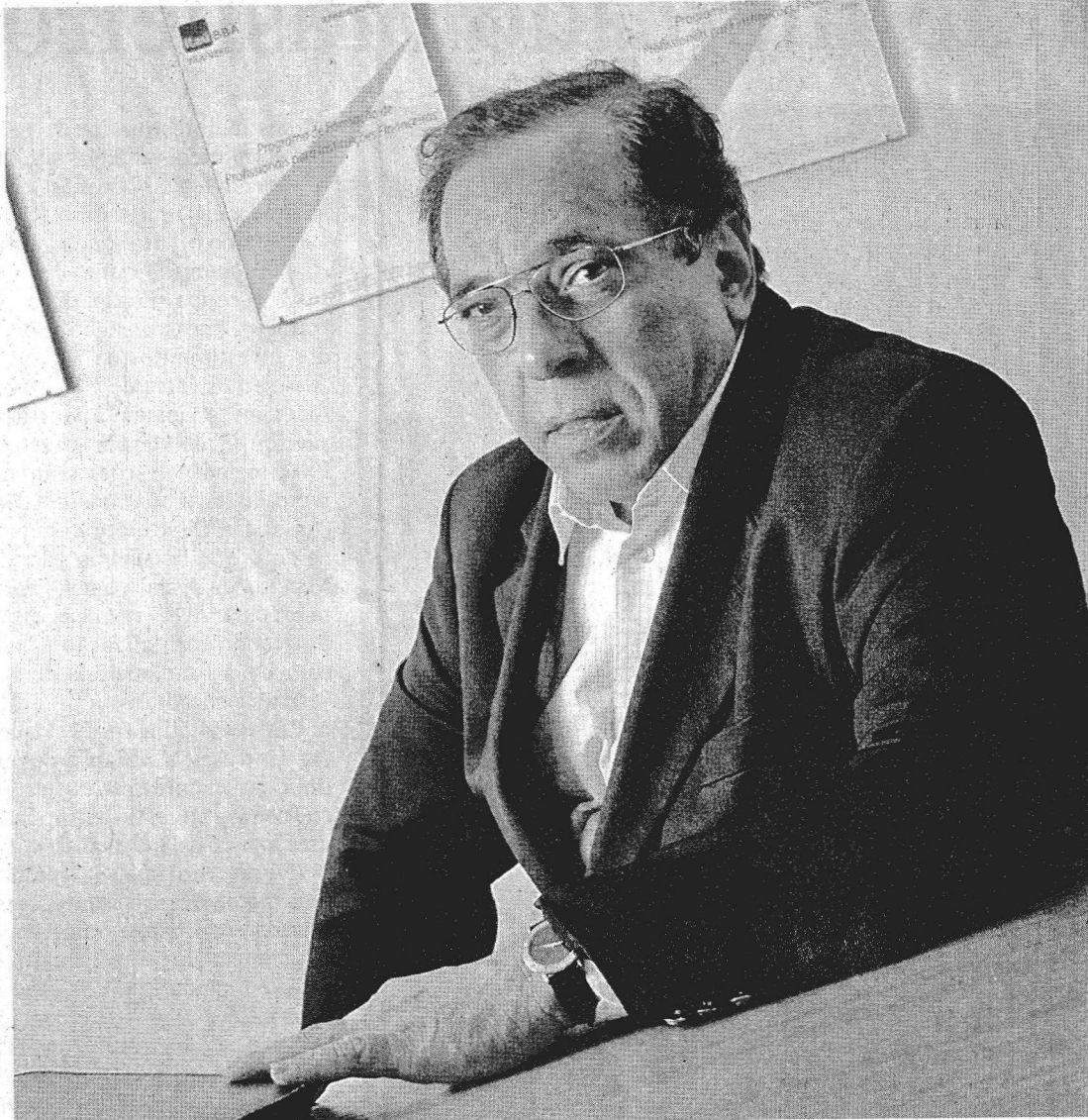
É difícil prever o seu fim na medida da linearidade. Na globalização financeira existe a multi-

polaridade, são muitos vetores na equação. O que podemos dizer com base na minha experiência de 30 anos de trabalho em bancos é que crises de carteira nunca foram solucionadas no curto prazo. A crise do subprime é na sua origem uma crise de carteiras, contaminada pela tecnologia da informação, nas mesas de global tradings, garantidas por seguros de crédito, hospedadas em SIVs (Special Investments Vehicles). Acredito que nem os grandes bancos centrais do G-7 poderiam responder onde está o começo, o meio e o fim. O professor Nouriel Roubini, criador do "RGE Monitor", estima a duração da crise do subprime em seis trimestres e alerta que "ações compensatórias de política monetárias no restante do mundo seriam poucas e demasiado tardias". Cigdem Akin e M. Ayhan Kose, do FMI, destacam que pode ocorrer simultaneamente um desacoplamento da extensão dos efeitos da crise do subprime e ao mesmo tempo uma globalização dos efeitos.

GZM — Depois de terem negado veementemente, Bovespa e BM&F anunciaram a negociação de uma fusão. A decisão foi divulgada pouco antes da Bolsa de Chicago anunciar a compra da Bolsa de Mercadorias de Nova York. A fusão pode ter sido uma maneira de evitar uma aquisição hostil, como uma oferta de compra da Bolsa de Chicago pela BM&F, por exemplo?

Não existe aquisição hostil de bolsas de valores. Os governos as regulam, autorizando e desautorizando suas operações. A decisão estratégica de fundir e combinar bolsas de valores e de futuros tem como objetivo racionalizar custos de transações, e aumentar a liquidez pelo aumento do volume das operações e sua escala maior. A fusão entre a Bovespa e a BM&F vai criar uma bolsa maior, mais rica e de maior liquidez.

GZM — Qual é o impacto da



Carvalho, especialista em finanças internacionais, para quem a quebra do Carlyle foi um susto

fusão para o mercado de capitais brasileiro?

A fusão da Bovespa com a BM&F vai alavancar a cidade de São Paulo como importante centro financeiro da América Latina. As bolsas de valores são as âncoras das cidades de Londres e New York. São Paulo já é um centro financeiro muito importante. A infraestrutura da Bovespa e da BM&F, como a tecnologia da informação, são modernas e suas administrações são elogiadas no mundo inteiro.

GZM — Qual a importância de ser um centro financeiro?

Ser um centro financeiro contribui para a geração de empregos diretos e receitas com imposto, por exemplo. A fusão da Bovespa e BM&F poderá no médio prazo agregar mais empregos nas atividades dos serviços financeiros,

aumentando a participação dos intermediários não bancários. O centro financeiro é o "hospedeiro" da liquidez. Outro ponto a destacar é que o setor financeiro é um bom contribuinte para a Receita Federal (Imposto de Renda) e Municipais (Imposto sobre Serviços). As atividades financeiras da Bolsa de Nova York contribuem com 14,8% do PIB da cidade, estimado em US\$ 15,5 bilhões e com 480 mil empregos diretos. Em Londres, a contribuição é de aproximadamente 340 mil empregos diretos e uma participação percentual no PIB da ordem de 7,5%. São Paulo deve ter hoje cerca de 200 mil empregos diretos nas atividades de serviços financeiros. Os três maiores bancos brasileiros respondem por aproximadamente dois terços disso. Corretoras, distribuidoras, e serviços complementares (juri-

dicos, auditorias, consultorias jurídicas e de tecnologia da informação) podem gerar o outro terço. O discurso contra os lucros dos bancos com a globalização tornou-se anacrônico.

GZM — Em seu livro, o sr. diz que os bancos universais já são uma realidade. O Brasil tem algum banco com esse perfil?

Sim, já temos bancos universais. Bradesco, Itaú (mais especificamente o Itaú BBA) e Banco do Brasil, podem ser considerados bancos universais. O Banco Central, quando modelou "o banco múltiplo", seguiu um pouco a definição de banco universal. O Itaú BBA tem um escritório na China. O Bradesco, por exemplo, a partir do ano passado fortaleceu suas atividades de banco de investimento pela sua corretora nos Estados Unidos

(Bradesco Securities) e abriu um escritório-corretora em Londres. O Banco do Brasil, foi o pioneiro das atividades de banco universal, com a abertura do BB-Londres, na década de 1980 (gestor dos arranjos da renegociação da dívida externa).

GZM — Qual é o conceito de banco universal?

Os bancos universais são os bancos que desenvolvem operações de bancos comerciais (com ênfase nas operações de financiamento de comércio exterior, inclusive câmbio), e bancos de investimento (operações de estruturação e distribuição de títulos nos mercados de capitais) de forma global, com presença nas praças dos principais centros financeiros: Londres, Nova York, Paris, Tóquio e, mais recentemente, Hong Kong e Xangai. Os exemplos internacionais são o Citigroup, o HSBC e o Deutsche Bank.

GZM — Entre os mercados emergentes do grupo dos Brics, qual está em condições de obter primeiro o status de país desenvolvido?

O primeiro do grupo dos Brics (Brasil, Rússia, China e Índia) que pode obter o status de país desenvolvido (liberar o acrônimo emergente) sem dúvida é a China. O Brasil é segundo. A Índia ainda precisa fazer grandes reformas que estão estagnadas e a Rússia precisa corrigir os seus espaços geográficos (grande desequilíbrio de infra-estrutura nas áreas rurais) e reduzir sua dependência da matriz energética petróleo e gás nas operações de suas ETNs (Empresas Transnacionais Emergentes). A China pelo seu volume e peso na economia mundial já espalha pelo mundo suas ETNs: State Power, China National Petroleum, Sinopec, China Telecommunications, Ind. & Comm. Bank of China, China Mobile Communications, China Construction Bank, Cofco, e Bank of China são suas ETNs mais expressivas. O Brasil tem grandes ETNs: Vale, Embraer, Petrobras e Gerdau. Mas também tem empresas de engenharia e construção civil (Odebrecht, Andrade Gutierrez, Queiroz Galvão) internacionais.